

A concepção de História na *Istorie Fiorentine* de Maquiavel*

ALCIDES BORGES NETO**

Resumo: Dentre todas as suas obras, sem dúvidas a *História de Florença* é a mais emblemática de Maquiavel. Pois não só fornece elementos capazes de mostrar que a sua reflexão discorre apenas de modo simples e linear, mas por meio de uma elaboração dos fatos e acontecimentos, recorrendo frequentemente a exemplos do passado, visto que sua referência maior era Roma. Como ponto de partida, inicia consultando seus antecessores dos quais ele denomina como excelentíssimos historiadores messer *Linardo d'Árezzo* e messer *Poggio Bracciolini*, porém, o que ele encontra ao ler os escritos sobre a história da cidade, é que se tratava, na verdade, de uma exaltação e louvor da família Medici, objetivando não uma história da república, mas uma narrativa de feitos da família que encomendou este trabalho. Outro ponto importante que o próprio Maquiavel apresenta em sua obra, é que sua intenção era encontrar nos autores anteriores uma sequência e uma ordem, mas se – verifica que eles foram diligentes na descrição de guerras levadas pelos florentinos, externas e principalmente os diversos conflitos internos ocorridos na cidade, sendo sua intenção fornecer aos leitores, uma diversificação dos fatos e acontecimentos aos seus leitores. A incumbência de escrever a história de Florença partia da concepção de que, consoante a historiografia humanista, era necessário trazer à luz um detalhamento das guerras e batalhas e uma compreensão clara das discórdias civis na história e os fatos comprobatórios para compor a história.

Palavras-chave: Maquiavel; História; Conflitos e Roma.

The conception of History in Machiavelli's *Istorie Fiorentine*

Abstract: Among all his works, without a doubt, the *History of Florence* is the most emblematic of Machiavelli. For it not only provides elements capable of showing that his reflection proceeds in a simple and linear manner, but through an elaboration of facts and events, frequently resorting to examples from the past, since his greatest reference was Rome. As a starting point, he begins by consulting his predecessors whom he calls the most excellent historians Messer Leonardo d'Arezzo and Messer Poggio Bracciolini. However, what he finds when reading the writings about the city's history is that they were, in fact, an exaltation and praise of the Medici family, aiming not at a history of the republic but a narrative of the deeds of the family that commissioned this work. Another important point that Machiavelli himself presents in his work is that his intention was to find in the previous authors a sequence and an order, but it is found that they were diligent in describing wars waged by the Florentines, both external and especially the various internal conflicts that occurred in the city, with his intention being to provide readers with a diversification of facts and events. The task of writing the history of Florence arose from the conception that, according to humanist historiography, it was necessary to bring to light a detailed account of wars and battles and a clear understanding of civil discord in history and the evidentiary facts to compose the history.

Key words: Machiavelli; History; Conflict and Rome.

* Este projeto foi desenvolvido com base no aprendizado adquirido no centro de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo, onde fui aluno especial, no curso de Ética e Filosofia Política-*História e Instituições Políticas Florentinas no Pensamento de Maquiavel, na área de estudo Ética e Filosofia Política* (2015).



** ALCIDES BORGES NETO é mestrando como aluno Especial no curso de Pós-Graduação no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. E-mail: alcidez_cidao@hotmail.com



Introdução

Algo comum para historiadores na época de Niccolò di Bernardo dei Machiavelli¹ [1469-1527] consistia na liberdade e autonomia para narrar a

¹ Nicolau Maquiavel (1469-1527), teórico político e teatrólogo florentino. Após uma adequada educação humanista, Maquiavel ingressou na burocracia do governo republicano em 1498, sendo o principal empregado como secretário dos dez de guerra, a comissão responsável pela condução dos negócios militares e diplomáticos. Esse contato diário com os negócios do estado, complementando por missões que o levaram às cortes de alguns dos protagonistas dos eventos políticos desses anos (Luis XII, Maximiliano I, Júlio II, César Bórgia), foi abruptamente suspenso com sua demissão em 1512, quando do restabelecimento do controle dos Medici sobre Florença. Seus trabalhos mais conhecidos são: *O príncipe* (1513); *Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio* (1513); *Mandrágora* (1518); *A arte da Guerra* (1519-1520); *História de Florença* (1520-1525). A energia de seus escritos políticos era alimentada por certas convicções apaixonadamente defendidas; que sua própria experiência o qualifica como um mestre; que a natureza inalterável dos homens e a repetição de situações políticas e estratégias significam que o presente podia e devia aprender do passado.

história da cidade de Florença². Estes, de certo modo, eram revestidos de honra e louvor, pois esta incumbência ficava para os ocupantes da primeira chancelaria florentina, fato esse reconhecido de privilégio e grande valor cívico. Mesmo na antiguidade, além da finalidade básica e didática na elaboração da *Istorie Fiorentine* “História de Florença”, uma função

² A partir do século XII, a comuna independente ampliaria sistematicamente seu controle sobre os latifundiários da nobreza e do clero que dominavam o interior; agora, ricos mercadores estavam começando a adquirir terras e a construir suas villas. De 1282 em diante, o elemento baronial dentro da própria cidade tinha sido politicamente castrado; só os membros das guildas, banqueiros, mercadores, fabricantes, etc. Fortalecido por nova legislação antigamente em 1293 (as ordenações de justiça), o governo da cidade era exercido pelos criadores de sua riqueza. Suas vendetas particulares podiam fazer com que a vida cívica mais parecesse guerra civil. Dentre elas, cito a dos Guelfos (Negros) mais irredutíveis em seu apoio ao papado, sobre os brancos, mais liberais. Florença estava exposta às crises externas que surgiram quando os imperadores, ou levavam exércitos à Itália ou encorajavam seus adeptos a hostilizar seus vizinhos guelfos.

fundamental não apenas de relatar e instruir seus leitores, mas fornecer elementos do passado, de utilidade para o bem comum da cidade, os quais a intenção era tirar lições e experiências do passado, para aplicação no presente.

Uma diferença clara nos escritos de Maquiavel consiste no fato de não ser apresentada uma narrativa por meio dos acontecimentos e dos fatos modernos em sua obra, o que, em consenso, outros escreviam sobre os acontecimentos no máximo de um passado próximo ou contemporâneo do seu autor. No entanto, o que pode ser analisado na *Istorie Fiorentine* (1520-1525) é que Maquiavel decide buscar os fatos e os acontecimentos decorridos no passado, para fundamentar seu trabalho e dar melhor compreensão dos acontecimentos do presente ao seu leitor.

Um ponto importante na “História de Florença” de Maquiavel e que à diferencia dos demais escritos até então, ao contrário dos historiadores de sua época, sua motivação não partiu de sua própria escolha, mas sim, como uma encomenda dos *Medici*³, ficando claro uma ruptura com a tradição florentina, uma vez que Maquiavel tinha apenas vinte e três anos e levaria pelo menos seis anos para ingressar na vida pública, enquanto seus antecessores, eram grandes homens de nobilíssima reputação, conforme veremos abaixo:

Era sobretudo a honra. Havia sido historiadores da República florentina no passado, Leonardo, Arentino, Poggio, Scala, todos os homens de valor, todos os primeiros chanceleres da Signoria, e quase lhe parecia ter-se tornado também chanceler, ou ter encontrado o caminho do retorno (RIDOLFI, 1954, p. 275).

No que diz respeito a escrever história, não se pode negar o fato que todo historiador tinha por missão imitar a metodologia adotada por mestres do passado, então recorrer ao que fora transcorrido anteriormente, era inevitável uma vez que se pretendia levar o leitor a conhecer algo sobre a vida moral, além das épocas passadas, fornecendo o contexto detalhado dos fatos e acontecimentos, que em síntese, representava a oportunidade para tirar lições do passado para sua aplicação no presente.

Influência do medievo na historiografia florentina

Um ponto importante e necessário antes de seguirmos se faz pela necessidade de diferenciarmos a história das crônicas, utilizada na idade média, porque, ao contrário das crônicas com *Petrarca*⁴ (1304-1374), passou a ter um senso organizador de perspectiva temporal. O que se sabe é que, a partir desta nova forma de escrever a história, nasceu uma sensibilidade para o anacronismo, que se tratava da consciência crescente de que o passado tinha seu próprio

³ Os Medici começaram a chegar em Florença como imigrantes do vizinho vale do Mugello no século XIII, só se tornando solidamente identificados com influência política e grande fortuna durante a vida de Giovanni de Bicci (1360-1429). Foi seu filho Cosimo quem, a partir de 1434, se tornou a figura principal da cidade, um papel intensificado pelo filho de Cosimo, Piero, e pelo neto, Lorenzo.

⁴ Francesco Petrarca nasceu em Arezzo, filho de um notário florentino banido pelos guelfos negros. Petrarca se inseriu no humanismo nascente da corte papal e, já com 20 e poucos anos, se empenhava no estudo e revisão de textos antigos, sobre tudo Tito Lívio, embora estudasse também os poetas e, em certa medida, os Padres da Igreja.

modo, o qual não podia ser confundido com o do presente.

Com um sentido de tempo concentrado e desmistificado, a historiografia foi dotada de uma postura crítica que pôde distingui-la da crônica medieval, a qual, apesar de todo o seu fascínio com personalidades e eventos, viu umas e outros como barro nas mãos do modelador divino. Por meio da história, pretendia-se chegar a elementos mais úteis, embora os historiadores modernos acatem primordialmente historiadores pós- petrarquianos como *Bruni Bracciolini*, *Portanto e Bembo*, cronistas, momento *Villani e Sanuto*, é que são usados, e os homens que combinaram uma coisa-após-outra do cronista com a interpretação refletida do historiador – *Cório, Maquiavel, Guicciardini, Paruta*, são os que leem tanto para prazer quanto para se obter informação.

A princípio, no começo do século XV, três tinham sido estabelecidos: Julio César, como modelo para escrever sobre a história recente ou contemporânea; Salústio, para a história de campanhas; e Tito Lívio, para a de instituições. Segundo (HALE, 1981, p. 186) ficou definido, com base em autores clássicos (principalmente Cícero), que “o estilo do historiador devia ser moldado de tal modo, com a ajuda de recursos literários como as interpolações do autor e discursos imaginários, que tivesse um efeito educativo positivo sobre o leitor”, a fim de encorajar a seguir o exemplo dos sábios e a rechaçar o de homens maléficos, e a perceber a importância do passado para as questões presentes.

Ainda nesta perspectiva, o autor salienta que embora o preceito clássico também enfatizasse que o historiador, ao contrário do cronista, tinha de explicar não só o que foi feito e dito, mas também como e por que, o impulso para

aperfeiçoar a crônica analisando o que causara ações e eventos foi largamente neutralizado por um novo subjetivismo na escolha e apresentação do material, ficando melhor aclarado desta maneira:

Assim, no próprio momento em que a necessidade de registrar o que estava acontecendo em diários, memórias de família, biografias e crônicas civis, nunca fora tão premente, a história recentemente reinventada colocou a interpretação à frente do registro e, ao pôr a moda em primeiro lugar, acabou sendo apanhada inadvertidamente pelo mesmo sentido de tempo cuja natureza tinha reconsiderado (HALE, 1981, p. 186-187).

A narrativa dos cronistas comportava uma reunião indistinta de eventos: econômicos, políticos, militares, astrológicos e meteorológicos. O propósito dos cronistas partia de aspectos da moral ou de entretenimento, não se preocupando com a distinção entre o fato e a lenda, assim como com as relações causais. Isto porque, “o modelo historiográfico desenvolvido no renascimento retoma, tanto no conteúdo como na forma, os padrões estabelecidos na antiguidade” (ARANOVICH, 2007, p. 127).

Portanto, a crônica não é história, mas contribuiu consideravelmente para a ascensão da história no século XV, tanto no fornecimento de material para a história, servindo-lhe como fonte de informação, como antecipando certos aspectos de sua forma e estilo. Dentre elas, sendo a de maior valia, estava na forma de fornecer as seguintes teses: o orgulho cívico florentino ou apologia de facções e a recente ascensão de Florença no contexto histórico mais amplo.

Maquiavel e maneira historiográfica

Para Maquiavel, estava clara a necessidade de trazer à luz as coisas feitas pelo povo florentino, esboçando os fatos a partir de uma concepção clara e lógica dos eventos que inicialmente detinha o período de (1434) da era cristã⁵, época em que a Família *Medici* tinha mais autoridade na cidade Florença, mais que qualquer outra. A *Istorie Fiorentine* foi estendida até quase toda a existência da cidade, desde a sua fundação até 1492, mas a maioria da narrativa concentra-se no século XV. Porém, após ler diligentemente os escritos de messer⁶ *Lionardo d'Árezzo* (1370-1444) e messer *Poggio Bracciolini* (1380-1459), descobriu que estes foram muitíssimos diligentes na descrição dos fatos e dos acontecimentos ocorridos até então na cidade:

Isso porque me parecia que messer Linardo d'Árezzo e messer Poggio, dois excelentes historiadores, já haviam narrado, com particularidade, todas as coisas sucedidas até aquele ano. Mas, depois de ler diligentemente seus escritos, para ver com que ordem e de que modo procediam, a fim de que, imitando-os, nossa história recebesse melhor aprovação dos leitores, percebi que foram muitíssimos diligentes na descrição das guerras travadas pelos florentinos contra príncipes e os povos estrangeiros, mas que, no que se refere às discórdias civis e às

inimizades internas, bem como os seus efeitos, eles calaram de toda uma parte e descreveram a outra com tanta brevidade que nela os leitores não podem encontrar utilidade nem prazer algum (MAQUIAVEL, 2007, p. 7).

No geral, a *Istorie Fiorentine* pode ser dividida em três partes: os primeiros dois livros fazem uma síntese da Idade Média florentina e italiana, os livros três e quatro expõem a longa crise de hegemonia da camada dirigente de Florença, e os demais tratam da era dos *Medici*. Eram figuras importantes como representantes da historiografia humanista, Cícero e Tito Lívio eram modelos na forma e maneira narrativa de contar os fatos, como tudo o que se poderia apreender com eles, daí a justificativa da colocação inicial que Maquiavel, recorreu a historiadores do passado para desenvolver seu trabalho.

Maquiavel é denominado como o pensador da ação política, porque em todas as suas obras, percebe-se sua motivação de exprimir os fatos e os acontecimentos históricos a partir das ações dos indivíduos, como, por exemplo, no livro “*O Príncipe*”, ele relata a ação principesca no aspecto ar intencional dos governantes, como ambição, interesse e aclamação pública, como na *Istorie Fiorentine*, onde ele evidencia à ação motivadora dos conflitos e as intensas discórdias, ocorrida por meio das lutas de facções.

A ação que Maquiavel tem em vista não é a instrumental, como a ação técnica que transforma a natureza, “e sim a ação estratégica: ação que se dirige a outros homens que, como atores políticos, podem oferecer resistência ou cooperar com a ação proposta”, conforme sugere (AMES, 2014, p. 268). Esta ação é o contingente e o incerto por excelência, pois se defronta com a *fortuna*: o

⁵ Os cristãos inventaram a história eclesiástica e a biografia dos santos, mas não tentaram cristianizar a usual história política; e eles influenciaram a biografia usual menos que esperaríamos. Uma reinterpretação da história usual militar, política ou diplomática em termos cristãos não foi realizada e nem mesmo tenta.

⁶ Título honorífico outrora atribuído a juristas, juízes e outras personalidades.

imprevisível e aleatório, que interfere no bom êxito das ações. Portanto, o objetivo final está em encontrar dentro da própria ação alguma lógica, alguma maneira de levá-la a bom termo com procedimentos empiricamente eficazes e possíveis viáveis.

No que tange discorrer sobre a história, Maquiavel é categórico ao apontar a necessidade de abordar o contexto detalhado dos acontecimentos, uma vez que só assim seus leitores terão uma visão completa da verdadeira história, que com elementos comprobatórios e verídicos, se pudesse conhecer melhor e agradar seus leitores, mostrando uma insatisfação por parte de Maquiavel, acerca dos príncipes, pois estes não recorriam história, daí surge à necessidade que ele tem de buscar o sentido da história, extraindo os fatos para conhecer suas causas, como motor das ações.

Maquiavel não exalta o renascimento da antiguidade em Florença nem faz o elogio da cidade; ao contrário, nela, o autor florentino lamenta em sua narrativa a perda do estado republicano e o acaso da liberdade, usando a *Istorie Fiorentine* para descrever o declínio, ruína e a corrupção da cidade.

Cabe salientar, que no estilo de escrita do *Bruni* apesar de ter omitido informações acerca dos conflitos e divisões internas na cidade florentina, é importante aclarar que ele foi o propulsor dos laços entre a filosofia política e história, ficaram evidentes e abrindo a via que iria se desenvolver justamente com Maquiavel na *Istorie Fiorentine*, segundo nos propõem (BIGNOTTO, 1996, p. 186). No entanto, é inegável a sua contribuição na historiografia italiana, quando este era visto como aquele que trazia a

história a seu próprio tempo, com o estilo humanista⁷.

A ação de consultar *Bruni*, antes de iniciar seu trabalho, entendia justamente esta influência histórica comum nos escritos e nas obras de seu antecessor. Para ele, estava claro a necessidade de somar ao trabalho lições para seu objetivo presente, que em historiadores renomados e tidos como homens de grande *virtù*, poder-se-ia encontrar uma utilização pública na aplicabilidade do presente.

De acordo com Maquiavel, tanto na ordenação das repúblicas, como na manutenção dos estados, nos governos dos reinos, na ordenação das milícias, na condução da guerra, no julgamento dos súditos e na ampliação dos impérios, não se vê príncipe ou república que recorra aos exemplos dos

⁷ O humanismo é o termo usado no século XIX para descrever o programa de estudos, e seu condicionamento de pensamento e expressão, que era conhecido desde o final do século XV como província do *humanista*, o professor *dos studia humanitatis* o roteiro de estudos das artes liberais em escolas e universidades. Isso passou então a incluir o estudo de latim e, em menor escala, o grego, em disciplinas que tratavam de gramática, retórica, história, poesia e filosofia moral. Tal programa era secular, preocupando-se com o homem, sua natureza e seus dons, porém, o humanismo renascentista deve manter-se isento de qualquer sugestão de “humanitarismo” ou “humanismo” em sua moderna acepção de um enfoque racional e não religioso da vida. Formulações recentes enfatizam o tema de importância: “humanismo cívico”, o papel de autores como Cícero no encorajamento do indivíduo a participar no governo; “teoria educacional humanista artístico”, adaptação das formas clássicas, “humanismo científico” a reabilitação de textos antigos, especialmente os gregos, como guias, “humanismo utilitário”, como um convite para copiar, como nas questões militares ou agrícolas, métodos que auxiliassem no presente, (HALE. John R. *Dicionário do Renascimento Italiano*. Rio de Janeiro: RJ, p. 187- 188).

antigos. Segundo o autor florentino, sua intenção tinha como objetivo inicial, afastar os homens desse erro, por afirmar que das coisas que ele tem conhecimento, ou seja, das coisas antigas e modernas, sua intenção é que aos que lerem seus escritos, possam retirar delas utilidades e elementos para conhecimento das histórias⁸.

Florença havia passado por muitas transformações, que acabaram por destruir suas instituições originais e sua face verdadeiramente republicana, remetendo a um questionamento que percorria suas obras: se era possível reformar um regime corrompido? O projeto maquiaveliano era, assim, como o de muitos de sua geração, o de reencontrar a vigor inicial, que acreditava ter existido nos primeiros tempos da república florentina, e devolver à sua cidade natal o esplendor de um regime que vivia uma longa agonia desde o dia em que as antigas instituições republicanas foram desmanteladas pela política agressiva da casa dos *Médici*⁹.

Na concepção de Maquiavel, mesmo diante da constatação de que se trata de regime vulnerável, a república é para ele o melhor regime, entendido como governo que visa o bem comum, reprimindo ambição de grupo e interesses particulares, elevando assim a potência do Estado e apenas nas repúblicas se pode perceber o bem público, e aqui muitas vezes nosso autor introduz uma visão universalista como bem comum¹⁰.

⁸ MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença, Proêmio*, p. 7.

⁹ MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença, Introdução*, p. 10-11.

¹⁰ MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença, Introdução*, p. 12.

Concernente a isso, podemos analisar o escrito de Maquiavel *Vida de Castruccio*¹¹, que é tido como ensaio para comprovar as habilidades do autor como historiador, ficando claro que neste ele deveria demonstrar os conhecimentos dos padrões humanistas, sendo um meio de requisito que o habilitaria para receber a encomenda, na formulação de uma verdadeira história, que respeitasse os padrões humanistas¹².

Não obstante, a *Istorie Fiorentine* é tida como uma história cíclica, pois não segue criteriosamente uma sequência cronológica, ou dos acontecimentos externos, visto como grande *virtù*¹³ quando tratado de uma pessoa, que advêm de uma obra que não estabelece um padrão comum no renascimento italiano. Neste período, o modelo historiográfico consistia em retornar às origens dos padrões utilizados na antiguidade, que basicamente era a arte de escrever a história, própria dos *studia*

¹¹ Trata-se da bibliografia da Vida de Castruccio Castracani, que inicia com o nascimento, breves relatos e aspectos que apontam suas qualidades na juventude, as habilidades que este teve na fase adulta como no governo de Lucca, apontando principalmente, as ações políticas eternas e na guerra, ainda que sem a inclusão de discursos, constando da descrição detalhada das batalhas e da sua capacidade tática.

¹² Maquiavel deixa de escrever uma história de príncipe (termo comumente utilizado no renascimento italiano que, segundo os padrões historiográficos, seguia uma ordem de eventos louváveis e honrosa a essas figuras), de uma cidade, da família dos *Médici*, que encomendou a “História de Florença” e todo o período que vai de (1434 até 1494), para escrever uma “história universal”, para todos, para a cidade.

¹³ O termo *virtù* é habitualmente associado à figura do Príncipe, mas as qualidades que possibilitam a realização de ações virtuosas podem também ser encontradas em vários outros agentes, como o *popolo*, a nação, o exército, etc. Mas afasta o sentido do termo de toda e qualquer conexão necessária com as virtudes cardeais e principescas.

*humanitatis*¹⁴ (estudos humanistas), deixando de lado as formas cronistas utilizadas pelos cristãos medievais, quando se referiam à história eclesiástica e a bibliografia dos santos, sendo esta retomada em particular em Florença, mas visto nas demais cidades italianas.

No entanto, é possível identificar que na *Istorie Fiorentine* existe um caráter universal no que diz respeito à sua maneira de escrever a história. Seu contraponto é a história de um príncipe e de seus descendentes. No entanto, esta visão fica subtendida na definição dada por (ARANOVICH, 2007, p. 156), que compreende que Maquiavel ao escrever a história da cidade de modo republicano (por ato cívico), como uma “história universal”, e entremear a esta história uma na outra, a “história principesca”, quando estão em questão os Medici, “parece ter sido o modo

escolhido para resolver o conflito entre estes dois estados diferente de Florença”.

Fica clara a preocupação que Maquiavel tinha ao iniciar a encomenda, uma vez que esta foi dirigida pelos próprios personagens, a família *Medici* que estava no poder, e falar da *Istorie Fiorentine*, pressupunha em detalhar e colocar em evidência os feitos desta família, responsável por vários tumultos, deserções, tramas, exílio e resistência ao poder, que implicariam diretamente na sua forma de escrever, ou seja, como escrever sem difamar a imagem e fazer jus o trabalho que lhe foi confiado? Para muitos comentadores, a forma estabeleceu uma história universal, contrariando a tradição pessoal e geral de escrita. Para isto, é importante salientar que a expressão “*universali istorie*” não pode, neste caso, dizer respeito à ideia de história universal nem no sentido de uma narrativa desde a criação, nem no de uma história que abrange todos os povos.

O que Maquiavel faz é desculpar-se por interromper o modelo histórico que seguia até então, em uma narrativa circunscrita à história da cidade de Florença a partir de sua origem, de acordo com (ARANOVICH, 2007, p. 148). Ainda nesta perspectiva, a comentadora apresenta uma visão dual do contraponto que estabelece a maneira que o autor usa para escrever a história da cidade, podendo ser entendida da seguinte forma:

O sentido de “*universali*” pode ser encontrado em outras passagens da “História de Florença” e de suas outras obras, sempre significando o geral, em oposição ao particular. Existe ainda outra ocorrência da expressão, no segundo livro, em que é oposta à história da cidade de Florença, que ele está narrando, à história universal que estava no

¹⁴ O Humanismo é o termo usado no século XIX para descrever o programa de estudos, e seu condicionamento de pensamento e expressão, que era conhecido desde o final do século XV como província do *humanista*, o professor *dos studia humanitatis* ou roteiro de estudos das artes liberais em escolas e universidades. Isso passou então a incluir o estudo de latim e, em menor escala o grego, textos que tratavam de gramática, retórica, história, poesia e filosofia moral. Tal programa era secular, preocupando-se com o homem, sua natureza e seus dons, mas o humanismo renascentista deve manter-se isento de qualquer sugestão de “humanitarismo” ou “humanismo” em sua moderna acepção de um enfoque racional e não religioso da vida. Formulações recentes enfatizam o tema de importância: “humanismo cívico”, o papel de autores como Cícero no encorajamento do indivíduo a participar no governo; “teoria educacional humanista artístico”, adaptação das formas clássicas, “humanismo científico” a reabilitação de textos antigos, especialmente os gregos, como guias, “humanismo utilitário”, como um convite para copiar, como nas questões militares ou agrícolas, métodos que auxiliassem no presente.

primeiro livro, no caso um resumo da história italiana. O termo universal pode ser compreendido neste caso, mais uma vez, como uma passagem do particular para o geral. A oposição entre o modelo de história de “vida de príncipe” e de que narra à vida de um grande indivíduo e o que narra a história geral de uma cidade, com os acontecimentos concernentes a todos os membros desta cidade (ARANOVICH, 2007, p. 161).

Maquiavel, contrariamente à opinião destes ilustres historiadores, é do entendimento de que são precisamente as “*dissensões universais*” de Florença que devem ser postas no centro da reflexão, é o que defende (AMES, 2014, p. 267). A maneira como o autor florentino entende a história é por meio da narrativa dos fatos e acontecimentos que, certo modo, gerou muita discórdia e conflitos em Florença. Por isso, para ele, é extremamente importante trazer à luz os acontecimentos verdadeiros da cidade:

Duas razões são essas que seja dito em boa paz me parecem de todo indignas de grandes homens; porque, na história, se alguma coisa há que deleite ou ensine, é a descrição em particularidade, e, se alguma lição há que seja útil aos cidadãos que os governam repúblicas, é aquela que demonstra os motivos dos ódios e das divisões das cidades, para que, diante do perigo em que incorrem outros, eles possam ganhar sabedoria e manter-se unidos. E, se todo e qualquer exemplo de república comove, muito mais comovem e são úteis aqueles que lemos de nossa própria república, e, se houve repúblicas das quais se tem alguma notícia contentou-se com uma divisão, em razão da qual, segundo os acontecimentos, ora cresceram, ora declinaram, mas Florença, não

contente com uma, criou muitas (MAQUIAVEL, 2007, p. 7-8).

Por tanto, é importante a partir de agora, trabalhar os pontos que segundo Maquiavel, são de extrema importância devendo conter na história, trazendo razão aos acontecimentos e dando vida a narrativa, por meio de personagens e discursos introduzidos na *Istorie Fiorentine*, como meio de situar, criar credibilidade que é próprio da forma de se fazer história.

Ação política nos conflitos internos

Na concepção de Maquiavel, foram os conflitos que geraram tamanha desordem, e que fez com que Florença perdesse o governo republicano, que na visão do nosso autor, seria está a melhor maneira de governar uma cidade, por ter um modelo mais razoável, visando geralmente os interesses mútuos de seus cidadãos. Em cada um dos livros introdutórios e do próêmio, o florentino se propõe tratar dos acontecimentos internos, ocorridos na cidade:

As graves e naturais inimizades que há entre os homens do povo e os nobres, causadas pela vontade que estes têm de comandar e aqueles de não obedecer, são as razões das cidades, pois dessa diversidade de humores alimentam-se todas as outras coisas que perturbam as repúblicas. Foi o que manteve Roma desunida; é também – se for lícito comparar coisas pequenas a coisas grandes, o que manteve Florença dividida (MAQUIAVEL, 2007, p. 157).

O conceito dos humores,¹⁵ termo muito utilizado por Maquiavel para descrever os interesses do povo, é um termo emprestado e muito utilizado da medicina hipocrática – galênica, meio pelo qual surge a variação de desejos. Termo aplicado para explicar o desejo dos grandes de comandar; e o desejo do povo, de não ser comandado nem oprimido por estes.

Expressão que apontam para “*dois apetites divergentes*”, se os dois desejos podem se afirmar conjuntamente, sendo até mesmo complementares, já que um não existe sem o outro, eles não podem ser saciados simultaneamente porque a plena realização de um implica a impossibilidade de satisfação do outro: se o desejo dos grandes de dominar é totalmente realizado, o desejo do povo de não ser dominado não pode ser efetivado e vice-versa, afirma (BARROS, 2015, p. 27).

Em elucidação do que já foi dito anteriormente, “*as graves e naturais inimizades*”, são comuns em todas as cidades, deste modo podemos perceber que Maquiavel tem uma visão geral de compreensão apartir da experiência, por

meio da reflexão na história como veremos a seguir:

não quero deixar de falar dos tumultos que houve em Roma desde a morte dos tarquínios até a criação dos tribunos; depois, quero dizer algumas coisas contra opinião de muitos, segundo o qual Roma foi uma república tumultuária e tão cheia de confusão que, se a boa fortuna e a *virtù* militar não tivesse suprido a seus defeitos, ela teria sido inferior a qualquer outra república (MAQUIAVEL, 2007, p. 21).

Embora saibamos que Maquiavel estabelece um dos dois tipos de conflitos, conhecido historicamente como “Positivo e negativo”, voltando ao que já foi citado, que trata dos grandes no desejo e anseio de comandar, e o do povo de não se submeter e não ter sua liberdade ameaçada. E nisto ele coloca como natural e intrínseco que corresponde aos *humores* pré-ditos na *Istorie Fiorentine*.

Maquiavel acusa *Leonardo Bruni*¹⁶ de ter faltado com os conflitos internos,

¹⁵ Hipócrates (460 - 377 a. C.) sua fama como físico que abordou a medicina prática de maneira filosófica suscitou respeitadas referências a ele por Platão e Aristóteles, e era tal que seu nome foi ligado não só os seus próprios escritos, mas também a um *Corpus Hippocraticum* de cerca de 60 tratados sobreviventes. Algumas dessas obras eram conhecidas na Idade Média em traduções latinas; mais textos se tornaram conhecidos no século XV quando, a par de Galeno, Hipócrates se converteu no guia para o estudo da anatomia, fisiologia, medicação, diagnóstico e descrição clínica, e teoria dietética. Sua exposição da teoria dos quatro humores, sendo a doença causada por um desequilíbrio entre eles, exerceu um efeito hipnótico sobre o diagnóstico e a prescrição até o século XVII.

¹⁶ Leonardo Bruni (1370-1444), natural de Arezzo, por isso era frequentemente chamado de Arentino. Foi a figura central do humanismo florentino durante a primeira metade do século XV. Em louvor do republicanismo e da cultura literária florentinos: teve um papel importante na teoria recente de Hans Baron acerca do desenvolvimento do humanismo político florentino em reação à opressão das despóticas Milão. A partir de 1427 foi chanceler, como Salutati antes dele, ocupando uma posição central sem paralelo na vida política e literária; e, apesar de sua origem humilde, tornou-se muito rico e influente. Desde 1415, estava compondo intermitentemente, em latim, uma história do povo florentino, a qual constituiu a primeira obra importante de literatura histórica renascentista. Bruni compôs em 1421 um tratado de milícia, que argumenta a favor da organização de condottieri inconfiáveis. Bruni foi um dos primeiros estudiosos do grego e

quando, na verdade, sabia que seu predecessor havia se ocupado e muito das disputas internas. Para ele, o que estava em jogo, na verdade, não era o reconhecimento da existência dos conflitos internos, mas a importância conferida a eles¹⁷, como a natureza e a origem desses conflitos. Ainda nesta perspectiva, contra o princípio da brevidade expositiva (*brevitas*), que era um dos pilares da história educativa, Calco procurava narrar os fatos de maneira a inseri-los em algo que chamava de “totalidade” dinâmica e que servia de base para compreensão de acontecimentos que, tomados isoladamente, não pareciam ter significado algum, como nos propõem (BIGNOTTO, 1996, p. 185).

De acordo com Maquiavel, a natureza pode ser vista como algo que deve ser combatida e retida pelos homens e governos de forma sistemática. Segundo (ARANOVICH, 2007, p. 168), a natureza se apresenta como algo que, por si, pode ser hostil, não saneado, não purificado. Por outro lado, quando os lugares são férteis e são, eles tendem a ter uma abundância de habitantes, o que com o tempo leva ao empobrecimento do lugar, pelo excesso daqueles.

As ordenações humanas têm a função de distribuir os habitantes para evitar este excesso e o consequente esgotamento. A natureza, portanto, é inerte, sua fertilidade ou sua aridez se apresentam como um fato e dependem da ação refletida dos homens para equilibrar seu uso. Em termos semelhantes, no renascimento, as graves e naturais inimizades podem ser vistas como:

contribuiu para o programa renascentista de tradução do grego para o latim.

¹⁷ MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*, Proêmio, p. 9-10.

Equilíbrio natureza-homem é predeterminado: ao ser humano resta somente a possibilidade de escolher a forma na qual adequar-se a ele. Equilíbrio predeterminado, todavia, com vantagem do não humano: os seus privilégios são sempre concedidos e enquadrados em uma situação já estabelecida, mas é um dominador ao qual a natureza se rende automaticamente: não é um dominador que conquista (COLOMBERO, 1958, p. 18).

Considerações finais

Concluindo, na *Istorie Fiorentine* podemos perceber a intenção de Maquiavel em narrar a história a partir dos acontecimentos e dos movimentos da ação que, para ele, alternam-se em motivações políticas e facciosas. Para isso, recorrer ao passado e aos historiadores renomados que, imbuídos de apreciação do presente, tornava-se o único meio de buscar elementos para fundamentar um trabalho cuja a finalidade fosse narrar a história de Florença.

Ao analisarmos sua escrita, fica claro a influência dos antigos em todo seu modo de narrar os fatos, característica do seu período, elaborando não apenas a raiz do problema da cidade, como também apontar e exaltar as principais figuras, governos e guerras externas, mesmo que em modo moderado, precisasse contrariar seus antecessores.

Sobretudo, Maquiavel de modo muito elegante, traz à narrativa na forma de insatisfação, apresentando seu juízo pelo declínio da cidade, que levou a perda do estado republicano, modo este que expõem sua convicção cívica e pretensão da continuidade do governo republicano, como única forma de acalmar os humores do povo florentino. Portanto, para Maquiavel, reverbera não apenas os acontecimentos como a ação técnica que transforma a natureza, ação

que se dirige a outros homens que, como atores políticos, podem oferecer resistência ou colaborar com a ação que nosso autor expõe nesta obra.

Referências

AMES, J. LUIZ. **As Transformações do Significado de Conflito na “História de Florença” de Maquiavel.** In: Revista KRITERION, Belo Horizonte, n° 129, Jun. /2014, p. 267. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n129/15.pdf>. Acesso em 06.09.2015

AMES, L. **As Transformações do Significado de Conflito na “História de Florença” de Maquiavel.** In: REVISTA KRITERION, Belo Horizonte, n° 129, Jun. /2014, p. 267. Acesso em 06.09.2015.

ARANOVICH, Patrícia F. **História e política em Maquiavel.** São Paulo: Discurso, 2007.

BARROS, Alberto Ribeiro Gonçalves de. **Republicanismo Inglês. Uma teoria da Liberdade.** São Paulo. Discurso Editorial, 2015.

BIGNOTTO, N. **Maquiavel Historiador.** In: Revista USP, n. 29, Maio de 1966. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/29/27-newton.pdf>. Acesso em 06.09.2015.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** Edunb. Brasília, DF. Ed. Universidade de Brasília, 1992.

COLOMBERO, C. **Uomo e natura nella filosofia Del Rinascimento.** Loescher, 1985.

HALE. John R. **Dicionário do Renascimento Italiano.** Rio de Janeiro: RJ, 1988.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio.** São Paulo: Trad. M.F, 2007.

_____. Nicolau. **História de Florença.** Tradução MF. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. Nicolau. **Istorie Fiorentine.** Tradução Manuzio Progetto. Sansoni Editore, 1998.

MOMIGLIANO, A. **Pagan and Christian Historiography in the Fourth century.** A.D. 1963.

RIDOLFI, R. **Vita di Niccolò Machiavelli, Roma.** Ângelo Belarderti, 1954.

SALATINI. R e Del ROIO. M. **Reflexões Sobre Maquiavel.** Cultura Acadêmica, Marília – SP, 2014,

SKINNER. Quentin. **Maquiavel.** Tradução de Maria Lúcia Montes. São Paulo: Brasiliense, 1988

_____. Quentin. **As fundações do pensamento político moderno.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Recebido em 2015-11-30

Publicado em 2016-09-03

Atualizado: 2024-05-23